

Otelo Saraiva de Carvalho e Francisco Fanhais estiveram a Escola Superior de Educação

# Históricos da Revolução deram “Aula de Liberdade”

Uma autêntica “Aula de Liberdade” foi o que aconteceu na passada quinta-feira, no auditório da Escola Superior de Educação de Setúbal (ESE). A direcção da ESSE convidou Otelo Saraiva de Carvalho, o “cérebro” das operações militares que no dia 25 de Abril de 1974 culminaram com a queda do regime fascista. Otelo, que ainda aguarda a promoção a Coronel, falou para uma audiência recheada de alunos, quase todos na casa dos vinte e poucos anos, algo que, na opinião daquele que em 1974 ocupava o cargo de Major “é sempre um prazer muito grande e um privilégio poder passar a mensagem sobre o que foi o 25 de Abril, fazendo o contraste com o que foi a ditadura que eles não viveram”. Otelo considera também que os programas de história aplicados nas escolas “não abordam da melhor forma aquele que foi o acontecimento mais notável que o nosso país conheceu, pelo menos no século XX”. O “cérebro” da Revolução dos Cravos, 35 anos depois, imaginava também outro país. “Muitos dos sonhos e dos ideais, meus e de muitos camaradas meus, não estão ainda cumpridos. Fez-se já muita coisa. O desenvolvimento, um bocado atabalhoadamente, vai-se fazendo e



Francisco Fanhais

podemos considerar que o Portugal de hoje não tem nada a ver com o de há 35 anos atrás, mas há de facto, em termos da democracia instalada, objectivos que não foram alcançados”.

Convidado pela ESE foi também Francisco Fanhais, que nos tempos da Revolução, era conhecido como Padre Fanhais, embora já não exerça o sacerdócio. A plateia de jovens cantou, bateu palmas e emocionou-se com as melodias de Fanhais, algo que emocionou o cantor. “Parece que ganhamos asas, é para nós uma alegria enorme saber que estamos a cantar para alguém para quem estes poemas dizem alguma coisa e sente-se que têm no seu coração uma esperança muito grande e são de certeza material humano a quem nós

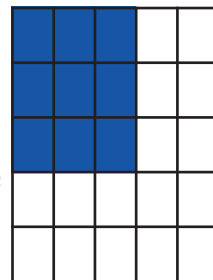


Otelo Saraiva de Carvalho

podemos passar o testemunho”.

Francisco Fanhais considera que “a cantiga tem sempre que ser uma arma, enquanto o poder instalado trair cada vez mais as aspirações das pessoas. A cantiga é uma arma como a arte em geral tem que ser uma arma de todos aqueles que não se querem conformar com a situação das coisas”. 35 anos depois da Revolução, o cantor, desiludido, afirma que “com o estado a que nós chegámos, com tantas esperanças defraudadas, com tantas promessas por cumprir, com tanta mentira instalada, a cantiga tem que continuar a ser uma arma. Quem tanto sonhou com o 25 de Abril, 35 anos depois, ao ver o que vê, não se pode contentar com tão pouco”. JAG





veis, na ânsia de guardar um último momento de confraternização. Mas depressa o sorriso deu lugar a um sentimento de tristeza que espelhava o prenúncio do fim de um longo ciclo. A tristeza na despedida e o medo do confronto inevitável com a realidade do mercado de trabalho chega a confundir os que durante cinco anos viveram para este momento. Miguel Correia reconhece a delicadeza do momento ao admitir que a transição da vida de estudante para o mercado de trabalho será, porventura, «a maior mudança da minha vida».

Os docentes também não passam ao lado desta mudança, uma vez que sentem, com os alunos, a

aprensão natural do final de curso. Marta Alves, docente da ESE, confessa sentir que «os finalistas saem com grande expectativas e manifestam um grande entusiasmo em aplicar tudo o que aprenderam». Todavia, mostram-se «aprensivos», pois voltarão a ser caloiros» em território de profissionais.

#### Mercado de trabalho assusta

Apesar de reconhecer que a vida de estudante é «a melhor vida que há», a docente 'descansa' os alunos ao assegurar «que todas as etapas da nossa vida têm os seus momentos bons, pelo que há que saber aproveitá-los».

O momento alto da Semana Académica será já amanhã, com a tradicional Bênção das Pastas e a Queima das Fitas, que marcarão a despedida formal dos estudantes do ensino superior. Nesta cerimónia, todas as turmas do Instituto Politécnico subirão ao palco montado no Largo José Afonso, juntamente com os seus padrinhos de curso, para mostrarem ao público as fitas correspondentes ao curso.

Cristina Soares, finalista no ano passado, afirma «que se trata de um momento único, onde é impossível as lágrimas não virem ao olhos, tal é a emoção». «É como se parte de nós sucumbisse naquele instante», revela emocionada.